

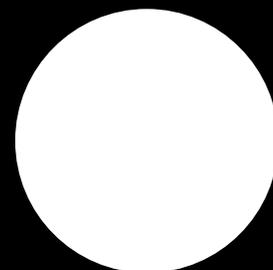


---

Celia Matsunaga

Teal Triggs

Ângela Saldanha



**SER** E A INQUIETUDE

---

Celia Matsunaga

Teal Triggs

Ângela Saldanha

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FAC / UNB  
Campus Universitário Darcy Ribeiro  
Via L3 Norte, s/n Asa Norte  
BrasíliaDF CEP: 70910-900  
Telefone: (61) 3107-6627  
E-mail: fac.livros@gmail.com

*Diretora*  
Dione Oliveira Moura

*Vice-Diretor*  
Tiago Quiroga Fausto Neto

*Conselho Editorial Executivo*  
Dácia Ibiapina, Elen Geraldês,  
Fernando Oliveira Paulino, Gustavo  
de Castro, Janara Sousa, Liziane  
Guazina, Luiz Martins da Silva

*Conselho Editorial Consultivo  
(Nacional)*  
César Bolaño (UFS), Círcia Peruzzo  
(UMES), Danilo Rothberg (Unesp),  
Edgard Rebouças (UFES), Iluska  
Coutinho (UFJF), Raquel Paiva  
(UFRJ), Rogério Christofolletti  
(UFSC)

*Conselho Editorial Consultivo  
(Internacional)*  
Delia Crovi (México), Deqiang Ji  
(China), Gabriel Kaplún (Uruguai),  
Gustavo Cimadevilla (Argentina),  
Herman Wasserman (África do Sul),  
Kaarle Nordestreng (Finlândia) e  
Madalena Oliveira (Portugal)

*Coordenadora Editorial*  
Rafiza Varão

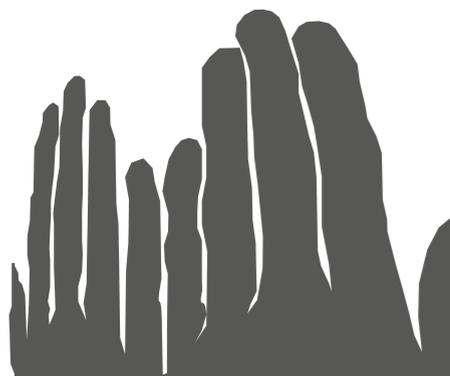
...  
*Eterna gratidão ao povo  
Munduruku de Bragança, PA*

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília  
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

H634 Higawa, Célia Kinuko Matsunaga.  
O ser e a inquietude [recurso eletrônico] / Célia Kinuko  
Matsunaga Higawa. – Brasília : Universidade de Brasília,  
Faculdade de Comunicação, 2021.  
42 p. : il. ; 26 cm.  
  
Inclui bibliografia.  
Modo de acesso: World Wide Web:  
<<https://faclivros.wordpress.com/category/livros/>>.  
ISBN 978-85-93078-47-7 (e-book)  
  
1. Arte. 2. Cultura indígena. 3. Visualidades. I. Título.

CDU 7

**AMAZÔNIA:** região do norte da América do Sul ao redor do rio Amazonas que inclui a maior parte do Brasil. **INDÍGENA:** aquele que vive de forma nativa ou natural em uma região ou ambiente específico. **TERRITÓRIO:** área geográfica pertencente a ou sob a jurisdição de uma autoridade governamental. **CONSTITUIÇÃO:** os princípios e leis básicas de uma nação, estado ou grupo social que determinam os poderes e deveres do governo e garantem certos direitos às pessoas. **DEMOCRACIA:** governo no qual o poder supremo é investido no povo e exercido por eles direta ou indiretamente por meio de um sistema de representação geralmente envolvendo eleições livres realizadas periodicamente. **DEMARCAÇÃO:** a marcação dos limites ou limites de algo. **CONFLITO:** estado ou ação antagônica (a partir de ideias, interesses ou pessoas divergentes). **LUTA:** lutar em batalha ou combate físico. **VIOLÊNCIA:** o uso da força física para ferir, abusar, danificar ou destruir. **INVASÃO:** afetar de forma prejudicial e progressiva. **ATAQUE:** estabelecer ou atuar com força. **CRIME:** ato ilegal pelo qual alguém pode ser punido pelo governo. **ASSASSINATO:** o crime de matar ilegalmente, especialmente com malícia. **VIOLAÇÃO:** violação das regras. **EXPLORAÇÃO:** o ato ou uma instância de explorar. **RACISMO:** crença de que a raça é o principal determinante das características e capacidades humanas e que as diferenças raciais produzem uma superioridade inerente a uma determinada raça. **DEBATE:** disputa por palavras ou argumentos. **RESPEITO:** relação ou referência a uma coisa ou situação específica. **AUTONOMIA:** a qualidade ou estado de autogoverno. **DIVERSIDADE:** a condição de ter ou ser composto de elementos diferentes. **PROTEÇÃO:** estado de proteção. **SAÚDE:** condição de ser saudável no corpo, na mente ou no espírito. **EDUCAÇÃO:** ação ou processo de educar ou ser educado. **ALDEIA:** área territorial com o status de uma vila, especialmente como uma unidade. **ISOLADO:** ocorrendo sozinho ou uma vez. **ORIGINÁRIO:** vivendo ou crescendo naturalmente em uma região específica. **TRADIÇÃO:** padrão herdado, estabelecido ou habitual de pensamento, ação ou comportamento (como uma prática religiosa ou um costume social). **CULTURA:** as crenças costumeiras, formas sociais e características materiais de um grupo racial, religioso ou social. **IDENTIDADE:** caráter ou personalidade distintiva de um indivíduo. **NATUREZA:** refere-se aos fenômenos do mundo físico e também à vida em geral. **RECURSOS NATURAIS:** característica ou fenômeno natural que melhora a qualidade da vida humana. **BIODIVERSIDADE:** variabilidade entre organismos vivos de todas as fontes, incluindo ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos dos quais fazem parte. **RIO:** fluxo natural de água de volume geralmente considerável. **FLORESTA:** grande floresta tropical ocupando a bacia de drenagem do rio Amazonas. **FAUNA:** animais característicos de uma região, período ou ambiente especial. **FLORA:** tratado ou lista das plantas de uma área ou período. **ÁGUA:** líquido que desce das nuvens como chuva, forma rios, lagos e mares e é um dos principais constituintes de toda a matéria viva. **MUDANÇAS CLIMÁTICAS:** mudança no clima da terra. **DESMATAMENTO:** ação ou processo de derrubada de florestas. **EXTRACTIVISMO:** retirada de recursos naturais por extração sem provisão para reabastecimento. **SUSTENTABILIDADE:** método de colheita ou uso de um recurso para que ele não seja esgotado ou permanentemente danificado. **FOGO:** fenômeno da combustão manifestado em luz, chama e calor. **AGRONEGÓCIO:** indústria envolvida nas operações de produção de uma fazenda, na fabricação e distribuição de equipamentos e suprimentos agrícolas e no processamento, armazenamento e distribuição de produtos agrícolas. **PECUÁRIA:** animais de criação mantidos para uso e lucro. **MINERAÇÃO:** processo ou negócio das minas de trabalho. **ILEGALIDADE:** não estar de acordo ou autorizado por lei. **IMPACTO:** ter um efeito direto ou impacto sobre.



Mariano Bocanegra, RCA 2019.

**SER**

Por Celia Matsunaga  
Teal Triggs  
Ângela Saldanha

**O OLHAR**, verbo bitransitivo e pronominal. Fitar os olhos em; ficar cara a cara com alguém; mirar-se: olhar o pôr do sol; ex.: olhava para a paisagem; olharam-se com admiração. verbo bitransitivo. Tomar em consideração; analisar ou considerar tendo em conta algo ou alguém; ponderar; ex.: olhe o projeto para emitir uma opinião.



**imagem + palavra**

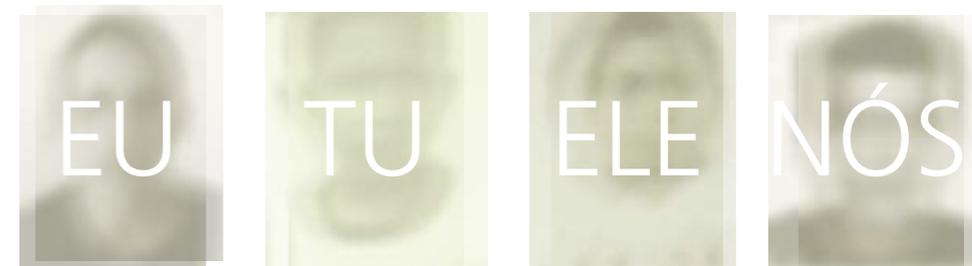
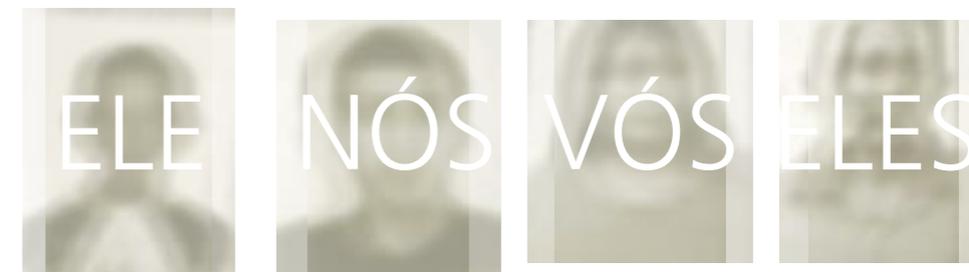
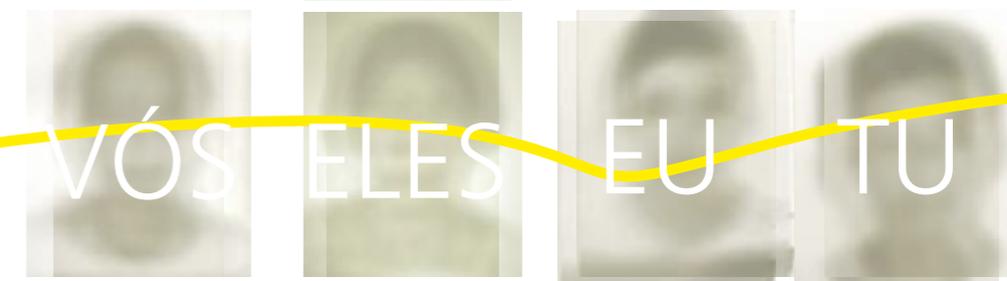
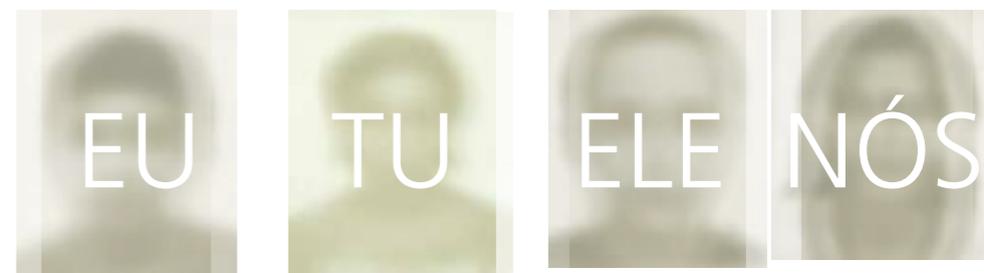
**ver  
ter**

transitivo direto e intransitivo  
jorrar, brotar

Dorothea Lange (1895-1965), fotógrafa e documentarista americana, certa vez se pôs a narrar: "como você fala aos outros sobre aquilo que você pensa que vale a pena dizer?"

veja o que está realmente lá.  
com que se parece.  
o que sente.  
qual realmente é a sua condição.

**"Cada um é igual ao outro justamente ali onde a ele se contrapõe." Hegel**





É no diálogo entre - homem, natureza e rio - que aqui têm início as reflexões sobre o "ser", esse que pensa sobre a "unidade essencialmente pura" percorrida por Habermas. "Aquele "ser" a que se refere a si mesma, não imediatamente, mas em abstração a toda determinação e conteúdo, e que se recolhe na liberdade da igualdade ilimitada consigo mesma". (Habermas, 2011)

"Unidade consigo", "ser determinado que contrapõe ao outro", "um ser em si e para si", tecer o conjunto numa mesma singularidade. Tem em si uníssono, inclusive tudo aquilo que cabe. Não na partilha do outro, apenas presente.

Individual.

## O Ser e o Mundo

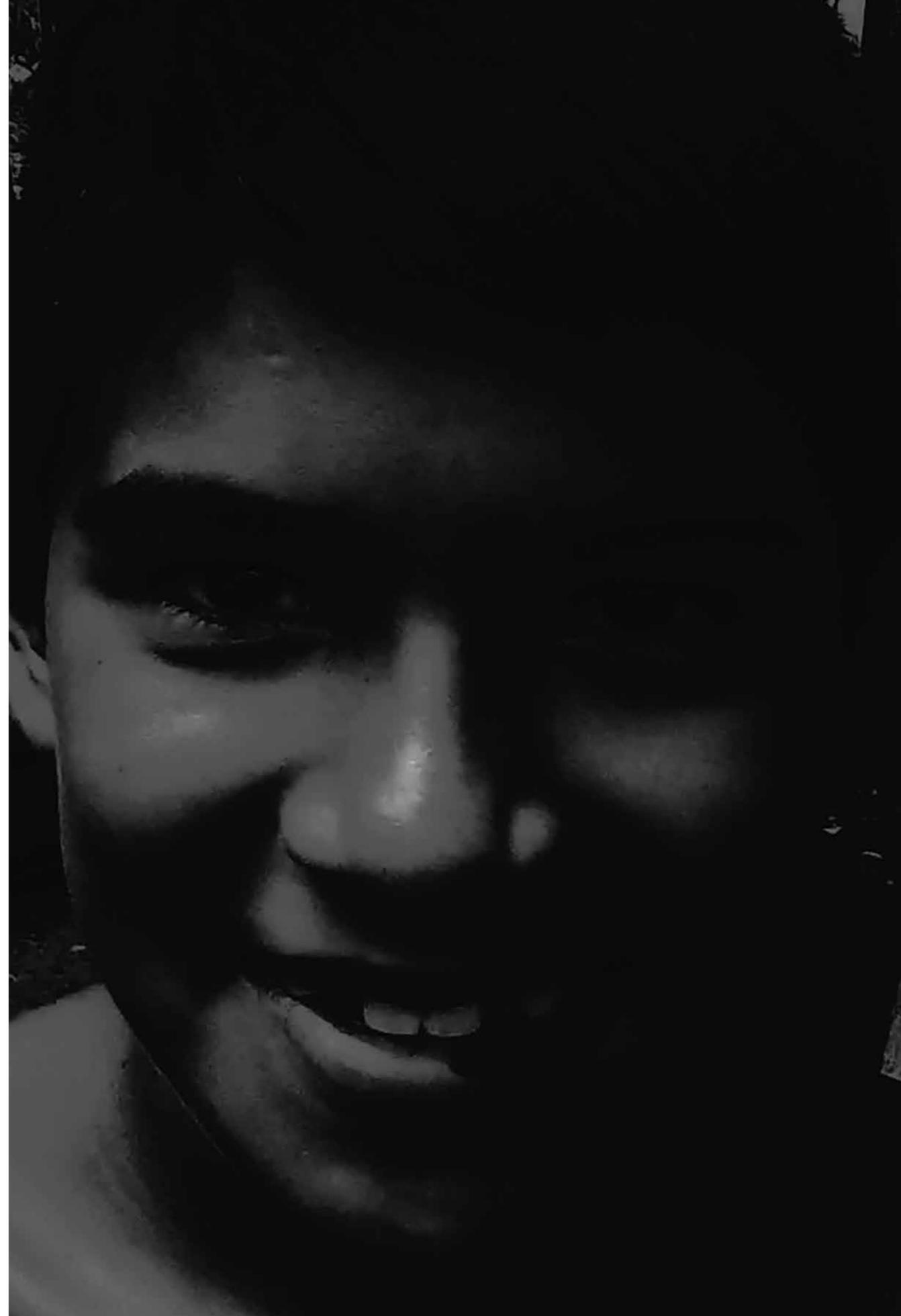
Foi na leitura do livro Filosofia Mestiça que me debrucei primeiramente sobre as reflexões filosóficas de Michel Serres. Nele encontrei pontes que ligam a experiência humana aos conceitos do “quem sou?”. Tendo-se referido à Arlequim – personagem do universo teatral de rua –, Serres mergulha no conceito de “ser”. Aquele que traveste, veste, se despe diante do público ou de si mesmo. Ao compreender suas vicissitudes, Serres percorre caminhos entre a laicidade e esse andarilho, perdido no tempo e no espaço, que enfraquece, que se entristece, que decepiona, que sensibiliza.

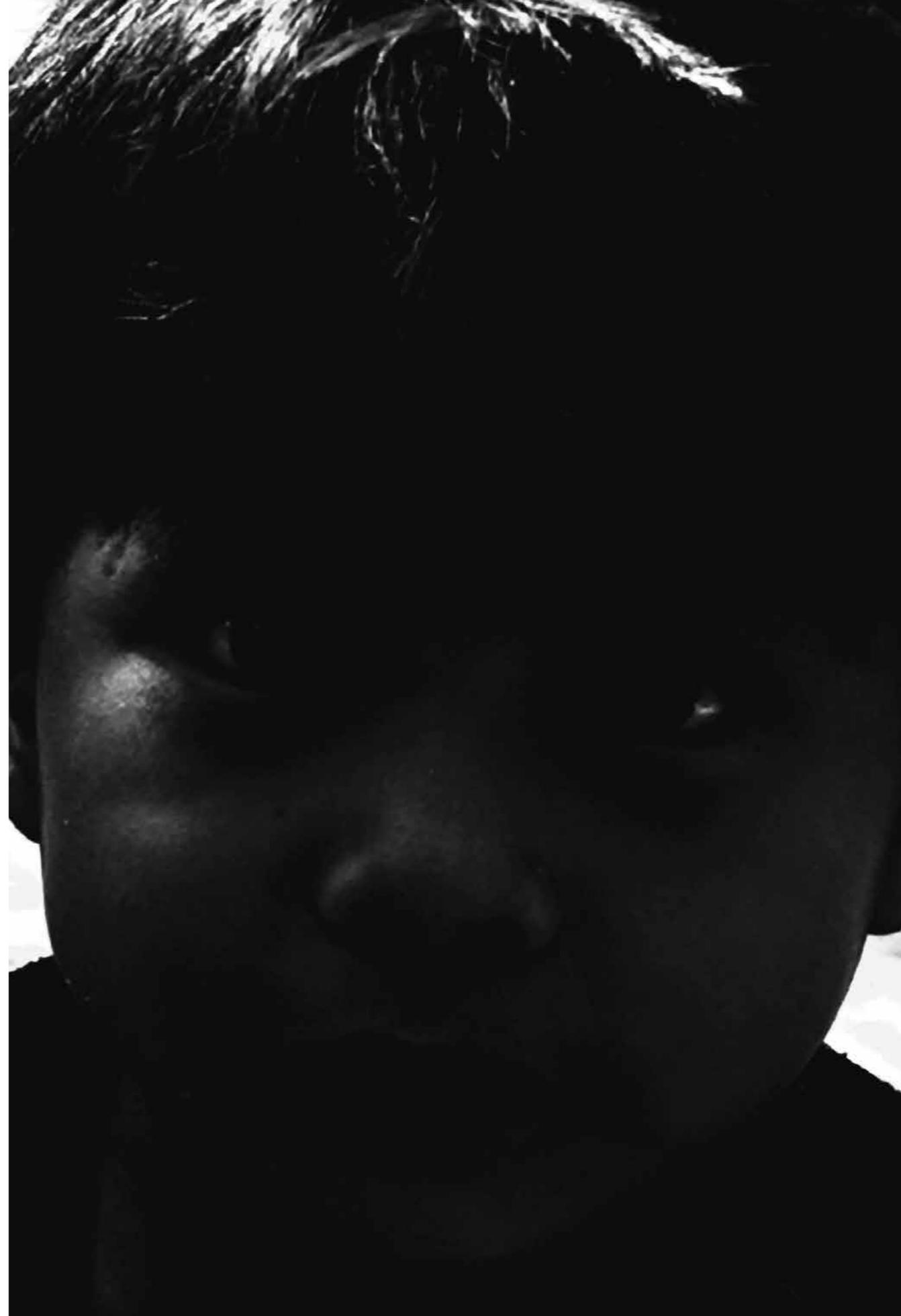
O pensamento de Serres move-se para além da compreensão do “ser”; impulsiona-o a jogar-se no desconhecido, no não palpável, atravessar o oceano a nado para aprender a solidão. É nesse jogar que se perdem todas as referências. Nele, o corpo relativiza o sentido, passa, sofre, tem coragem, aprende; partir, sair, deixar-se um dia seduzir, torna-se universal. Transformar-se naquele que contém todos os sentidos. Serres é categórico quando afirma que “quem não se mexe nada aprende”. De fato, toda aprendizagem exige o caminhar, o partir, o deixar para trás as referências do parentesco, a casa, a cultura, os hábitos. É de estranheza que ele fala quando relativiza a

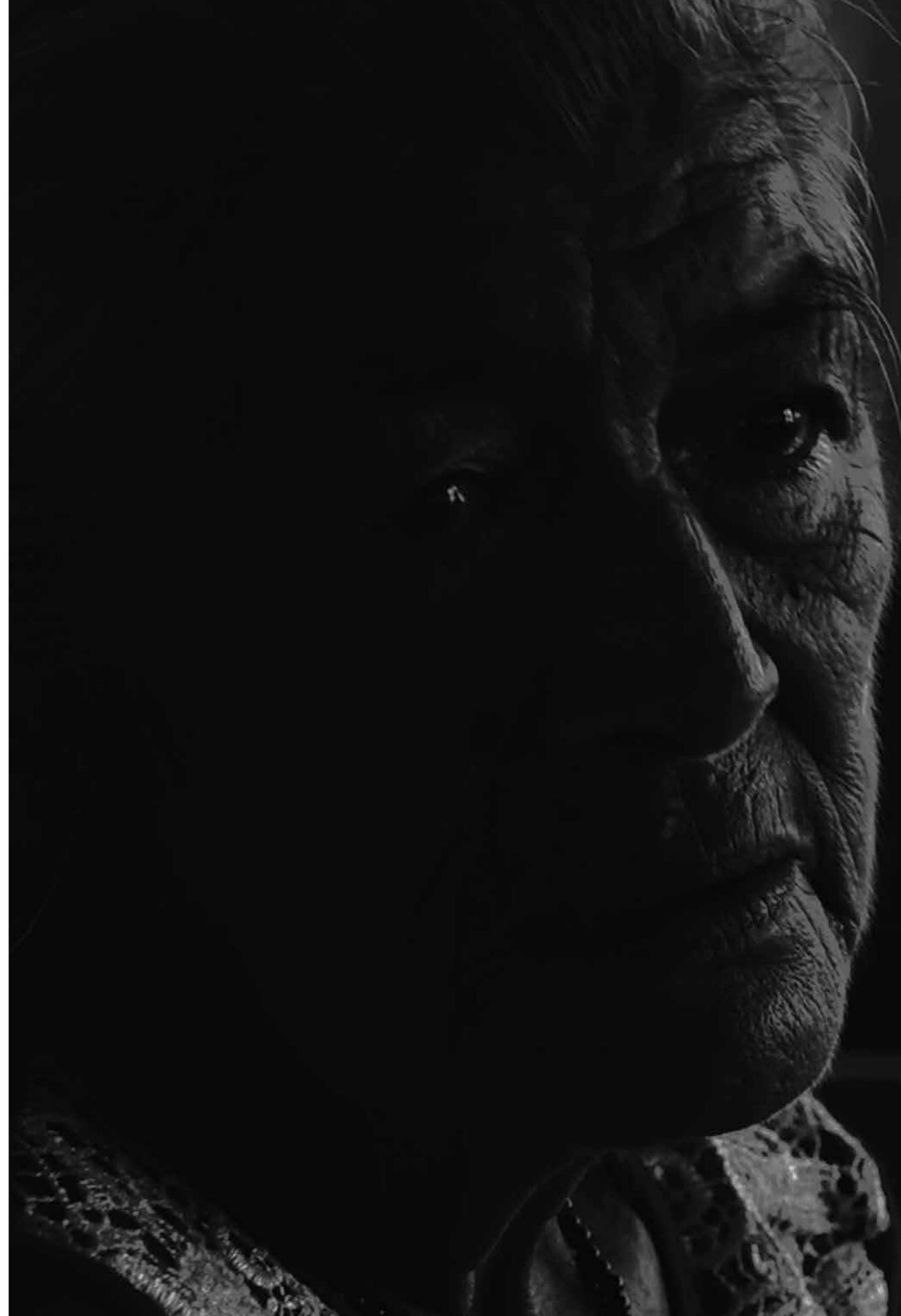
relação eu-outro, ou seja, os modos pelos quais nos expomos ao outro. Tornarem-se vários, desbravar o exterior, bifurcar em algum lugar. “O expor é jogo muitas vezes perigoso”, afirma, mas, ao contrário do temor, a mudança traz dentro de si um conjunto de capacidades a que ele dá o nome de sensibilidade. “Sensível é esse lugar onde habita o equilíbrio e o desequilíbrio, a estabilidade e a instabilidade, entre o ser e o nada”, que, para Serres, é central na condição humana. É deixar o estável e sair em busca de sua evolução, se permitir experimentar.

O conceito de “ser” para Serres parte do reconhecimento de si, esse corpo estável, imóvel, em sintonia com o centro de gravidade, erético. Fala do sujeito que permanece por dentro ou por fora, sobe ou desce, que gira, salta, corre, que viaja, conhece ou inventa. Esse primeiro “eu” corresponde à aquele que geograficamente se encontra, naquele que se enraíza; entre o gênero ou a espécie, o húmus; que vive e que morre. “Quem sou eu depois?” Esse ser não será mais o mesmo, “não sou eu”. Aquele que se moveu, mudou, partiu. Se encontra agora do outro lado, se expõe; ele é a sua própria exposição.

[in]visibilidade







Entre o ser aqui e o lá exposto se encerra o “ser total”, aquele que é incondicionalmente sujeito que detém conhecimento, que pensa, que questiona, que ama. Serres dá o nome de “alma” a esse espaço que habita o ser, sua grande dimensão. “Não há humano sem experiência, sem essa exposição que progride até a explosão; não há humano sem essas dilatações”. (Serres, 1991)

“O eu [...] é essa unidade essencialmente pura que se refere a si mesma, não imediatamente, mas em abstração de toda determinação e conteúdo, e que se recolhe na liberdade da igualdade ilimitada consigo mesma. Assim ele é universalidade; unidade que, apenas através deste comportamento negativo que se manifesta como o abstrair, é unidade consigo mesmo e que por esse meio contém em si dissolvido todo ser-determinado. Em segundo lugar, o eu é tanto imediato quanto negatividade que se refere a si mesma, singularidade [Einzelnheit], absoluto ser determinado que se contrapõe ao outro e o exclui; personalidade individual.

(...) é esse ser em si e para si, constituindo tanto a natureza do eu quanto do conceito; de um e de outro nada se pode conceber se ambos os momentos referidos não são simultaneamente compreendidos em sua abstração e, ao mesmo tempo, em sua completa unidade”. (Hegel *apud* Habermas, 2011)

Hegel conduz seu pensamento na direção do encontro do eu em si mesmo. Naquele que se aproxima dos conceitos de Kant, quando se refere à unidade sintético-originária da apercepção (Habermas, 2011). O eu no sentido do “eu penso”, no eu que concentra a parte e o todo, no eu que traduz a unidade pela representação de si. “A experiência da identidade do eu na autorreflexão, isto é, a autoexperiência do sujeito cognoscente, que abstrai todos os objetos possíveis do mundo e que se volta sobre si mesmo como objeto único” (Habermas, 2011). Nesse sentido, é a experiência do mergulho em si mesmo que conduz, ao mesmo tempo, à reflexão, ou autorreflexão, o que toca sua subjetividade adjacente. É o que Kant sinaliza em sua teoria do conhecimento. Entre eu e o outro.

nada confere mais sentido

do que mudar de sentido (SERRES, 1991)



“Hegel se entrega à dialética do eu e do outro no quadro da intersubjetividade do espírito, na qual não é o eu que se comunica consigo mesmo como com o seu outro, mas o eu que se comunica um outro eu enquanto outro. (Habermas, 2011)”

O sentido em que Habermas traz à dialética do eu e do outro, concebida por Hegel, expressa a identificação do sujeito não solitário, contrário a aquele preso à ideia de si mesmo. Nela a experiência de autoconsciência sobrepõe a relação complementar de dois indivíduos. Sai de uma relação reflexiva solitária em detrimento de uma “experiência de interação, na qual eu aprendo a me ver com os olhos de outro sujeito”. (Habermas, 2011)

“Cada um é igual ao outro justamente ali onde a ele se contrapõe. Seu distinguir-se do outro é por isso um igualar-se com ele. E é conhecimento justamente na medida em que [...] sua oposição a ele se transforma em igualdade para si mesmo, ou porque sabe a si mesmo tal como se enxerga no outro”. (Hegel, *apud* Habermas, 2011)

Em *O animal que logo sou*, Derrida tece, da Gênesis (a origem do homem) à atualidade, um diálogo de inigualável profundidade filosófica ao se questionar: mas, afinal, “quem sou?”. Ver-se despido diante de um animal, que também o vê em contrapartida provoca uma inquietação de tamanha complexidade que faz de sua obra um verdadeiro mergulho em si mesmo. Essa pergunta pode ser dirigida a qualquer pessoa, no entanto, a resposta será sempre diferenciada e estará relacionada à vivência de cada indivíduo. Sendo uma ou outra, tratará da sua compreensão sobre si, ou sua autodefinição, da sua autobiografia. No decorrer da escritura de sua autobiografia, ele denomina “escritura de sua vida”, que é necessário, de antemão, “conhecer-te a ti mesmo”.

Derrida organiza uma topologia geral ou antropologia mundial traçando um paralelo entre o homem, o animal e o mundo. Nelas, suas referências vão de Kant a Heidegger – de Lévinas e Lacan. Tanto para as ciências positivistas do comportamento animal que Derrida tenta decifrar quanto para o pensamento filosófico, o centro da problemática está na questão “vê-lo NU” ou “ver-se NU”. Derrida faz um paralelo com a imagem refletida no espelho. As diferenças estruturais entre o animal que sou e os animais passam a ser entre os que possuíam ou que não possuiriam qualquer experiência com o espelho. Para Derrida, a reflexão da imagem pelo espelho sugeriria uma autoidentificação, por onde se iniciaria o reconhecimento de si.

Derrida chama de ipseidade – o EU – a manifestação de si, dentro da estrutura fenomenológica mínima. Mas quem sou eu? Em *Meditações da Primeira Filosofia*, para Descartes, a definição por meio da animalidade é a razão conjugada, do homem como animal razoável. Em Descartes, o pensamento é o único inseparável do “eu sou”. “O pensamento é um atributo que me pertence: esse é o único que não se pode separar de mim. Sou, existo: isso é real, porém por quanto tempo? A saber, todo o tempo que dure meu pensamento”. (Descartes, *apud* Derrida, 1991)

Para Descartes, em *Discurso do método* (1638), toda autobiografia se apresenta como testemunho. “Penso, logo existo”. A semelhança encontrada por Descartes entre o homem e o animal é de natureza externa e interna; nela se encontra a presença de alma, de sentimento e de paixões como as nossas. Descartes não põe em dúvida a semelhança, a não ser a opinião que a ela induz, diz Derrida.

Como *homo faber* ou técnico, enquanto ser criador e engenheiro, o homem é capaz de fabricar os autômatos para que se assemelhem a eles ou outros animais. Descartes levanta uma hipótese: os autômatos nos possibilitariam distinguir entre uma possível “paixão” verdadeira de um “sentimento verdadeiro”? A resposta a esta questão para ele é “não”, pela incapacidade dos autômatos de responder.

Para discernir entre o verdadeiro e o falso, entre o autêntico e o simulacro, o mimético do autômato, Descartes usa dois critérios: busca identificar sua incapacidade de resposta e se apresenta alguma carência ou déficit (deficiência) e conclui: “Os animais são como os autômatos, só que de carne e osso”. (Descartes *apud* Derrida, 1991)



Caminhar, caminhar ...

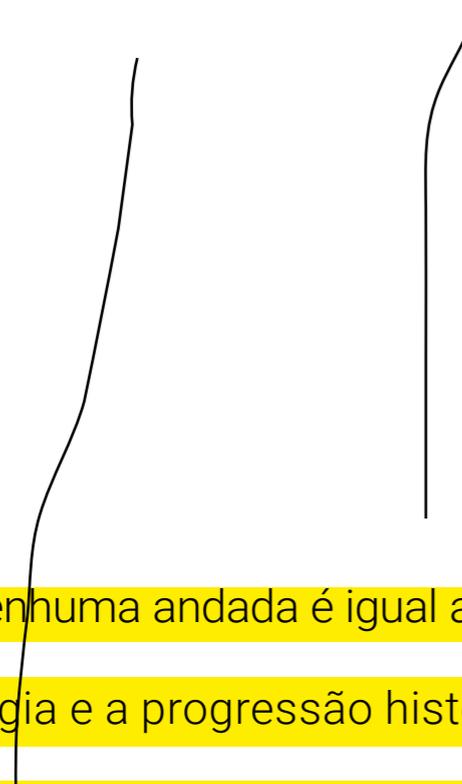




Anda-se muito, [...] e andar nem sempre é fácil: os sapatos machucam ou a ferida na perna dói ... Mas o andar é mecânico, e passa a ser ele próprio objeto de interesse, num quase inventário dos modos de se andar ... Não há sentido garantido à imagem, mas o interesse de sua superfície e textura ...



Cinética: Cinema e Crítica (2018)  
"Limite" de Mario Peixoto, 1931.  
Por Pedro Henrique Ferreira



Mas nenhuma andada é igual a outra. Finda a teleologia e a progressão histórica, resta-nos uma suspensão no presente do deambular, que é objeto de investigação estética.

Meditação. Objeto de criação. Proliferam-se as imagens, impressões da natureza que nascem da caminhada, formas absolutamente inventivas do olhar.

# limitabüte

Espaço-tempo em que o cotidiano se constrói. Narrativas visuais construídas a partir do tema *humano* na perspectiva do conceito de “ser e a inquietude”... Derivas que nascem dos estudos dos pensamentos de Hegel (1770 -1831), Maurice Merleau Ponty (1908 -1961), Michel Serres (1930 -2019), Jacques Derrida (1930 -2004). E da poesia de Stéphane Mallarmé (1842-1898).

## Referências

1. DERRIDA, Jacques. Margens da Filosofia. Trad. de Joaquim Torres Costa e Antonio Magalhães. Campinas, SP: Papyrus, 1991 [1972].
2. DERRIDA, Jacques. O Animal que logo Sou. São Paulo: UNESP, 1999.
3. FERREIRA, Pedro Henrique. Kinetics : Cinema and Criticism (2018). Limite, Mario Peixoto, 1931.
4. HABERMAS, Jurgen. Técnica e Ciência como Ideologia. SP: Ed. Unesp, 2011.
5. KANT, Immanuel. Pure Reason Critical. Lisbon: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
6. LANGE, Dorothea. Words & Pictures. MoMA, 2020. (<https://www.moma.org/calendar/exhibitions/5079>)
7. SERRES, Michel. Filosofia Mestiça. Trad. de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

AMAZÔNIA  
visualidade gráfica, poética  
e imaginário

Coordenação Geral  
Celia Matsunaga  
Teal Triggs  
Ângela Saldanha

Coordenação de Projeto  
Marisa Cobbe Maass  
Gustavo DaRosa  
Carlos Potiara  
Daniel Mira

Mídias Digitais  
Alexandre Ataíde  
Gustavo DaRosa  
Gustavo Azevedo

Programa de Iniciação Científica  
CNPq  
Fundação de Apoio à Pesquisa  
FAPDF

Ayana Saito Mira  
Brenda da Conceição Silva  
Bruno Matsunaga  
Carolina Meneses  
Catarina Xavier de Sousa  
Clara M. Ortalani Smith  
Isadora Castelo Branco  
Kellen Barreto  
Leticia Vieira Lima  
Mariana Bitencourt dos Santos  
Rafael Cardim Bernardes  
Rebeca Madassa  
Sara Viana Sobreira Bezerra  
Ursula Barbosa Rodrigues  
Wanessa Pereira

Agradecimentos  
Bernardina Leal  
Andrea Aymar  
Regina Sartos  
Arkus N. Rodrigues



Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Programa de Pós-Graduação  
em Design, IDA/UnB  
Lab Visualidades Gráficas

Núcleo de Estudos Amazônicos  
NEAz/CEAM/UnB

Royal College of Art, Londres

apoio  
Laboratório de Produtos  
Florestais IBAMA  
Defensoria Pública da União  
DPU Cultural  
Associação de Professores de  
Expressão e Comunicação  
Visual APECV, Viseu, Portugal

